



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Maria Laire de Campos Clemente

**TRANSFORMAR A FORMAÇÃO: desafios da Licenciatura em Educação do Campo
na Transamazônica**

BRASIL NOVO – PA
MAIO/2019

MARIA LAIRE DE CAMPOS CLEMENTE

**TRANSFORMAR A FORMAÇÃO: desafios da Licenciatura em Educação do Campo
na Transamazônica**

Trabalho apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura em Educação do
Campo/Linguagens e Códigos pela Universidade
Federal do Pará/Campus de Altamira, sob
orientação da Professora Raquel Lopes.

BRASIL NOVO – PA
MAIO/2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de
Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

C626t Clemente, Maria Laire de Campos
Transformar a Formação : desafios da Licenciatura em Educação do
Campo na Transamazônica / Maria Laire de Campos Clemente. — 2019.
XXVII, 27 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Raquel da Silva Lopes
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de
Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade
Federal do Pará, Altamira, 2019.

1. Educação do Campo. 2. Identidade Camponesa. 3.
Formação Docente. 4. Pedagogia da Alternância. I. Título.

CDD 370.91734098115

“A educação tem raízes amargas, mas os seus frutos são doces”.

(Aristóteles)

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão sobre a centralidade da formação docente para a transformação da realidade educacional, ainda que se reconheça que esta realidade é impactada por uma complexa constelação de fatores. O objetivo precípua é apontar elementos que evidenciem tanto a importância central de se formar novos professores quanto a possibilidade concreta de se fazer isso; a base empírica da análise aqui proposta é, portanto, o “chão da escola”, isto é, a experiência concreta de uma Licenciatura em Educação do Campo/Linguagem, de uma universidade pública da Amazônia brasileira, pela ótica de seus estudantes. A metodologia utilizada pode ser caracterizada como quanti-qualitativa, embora seu cerne seja claramente de ordem interpretativa, com destaque para a abordagem cartográfica. Os resultados obtidos por esta pesquisa apontam que a opção teórico-metodológica pela Pedagogia da Alternância, base em que se estrutura a proposta pedagógica da referida licenciatura, proporcionou aos seus egressos uma formação acadêmica cientificamente consistente e socialmente referenciada, o que não significa ausência de tensões, problemas e lacunas – que apenas o tempo histórico poderá esclarecer. Porém, para além disso, tais resultados sugerem também que escolhas político-institucionais bem definidas, qualificação do quadro docente dos professores formadores, interesse e compromisso dos estudantes podem render, em curto prazo, experiências muito impactantes na “ponta” – a sala de aula da educação básica, aspecto que se busca evidenciar por um relato de prática pedagógica como aprendizagem profissional que foi vivenciada no último Estágio Supervisionado do curso aqui estudado.

Palavras-chaves: Educação do Campo; Identidade Camponesa; Formação docente; Pedagogia da Alternância.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta reflexões sobre a importância da formação docente como fator de transformação no cenário educacional nas escolas do campo, com ênfase na experiência recente da Licenciatura em Educação do Campo/Linguagens e Códigos, da Universidade Federal do Para, na região da Transamazônica. O seu principal objetivo é evidenciar as potencialidades de mudança de paradigma de formação docente trazidas por essa experiência e, conseqüentemente, as possibilidades de ressonância dessa mudança na educação básica do campo, uma vez que, pela atuação desses novos docentes nas escolas da região, aumentam as chances de inovação didático-pedagógica por via da proposição de currículos mais contextualizados e da necessária inovação teórico-metodológica que isso requer.

Essa discussão começou a se desenhar para mim como tema de pesquisa desde o segundo semestre de faculdade, por ocasião da primeira imersão orientada na escola da comunidade onde moro, por ocasião das atividades do segundo Tempo-Comunidade, do Curso de Educação do Campo¹, no qual ingressei em julho de 2015. Por ser uma pessoa do campo tive que retardar a conclusão dos meus estudos, principalmente do Ensino Superior, que iniciei 11 anos após o término da educação básica.

Trabalhando na área da Educação desde 2008 como Secretária na Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Pena Filho – km 40, Brasil Novo –PA, localizada na zona rural, sentia a necessidade de uma discussão sobre identidade camponesa e valorização do campo, pois sentia que tínhamos uma escola **no** campo, mas que não é **do** campo: seus conteúdos infelizmente ainda são muito urbanizados, com métodos tradicionais oriundos da escola urbana, aplicados meio às cegas a uma realidade totalmente diferente e sem muito sentido para os alunos do campo.

Mesmo sem estar na docência propriamente dita, tenho acompanhado o cotidiano escolar de perto, e depois das discussões teóricas vivenciadas no decorrer do curso, na universidade, comecei a ler e ter um ponto de vista mais sistematizado passando a constatar como a educação básica ofertada na minha comunidade está distante dos Paradigmas da Educação do Campo. E fui me convencendo cada vez mais, não só da necessidade e da importância, mas a possibilidade real de formar professores em outra direção.

¹ Este Curso se estrutura em termos teórico-metodológicos na Pedagogia da Alternância, buscando formar profissionais que possam discutir, socializar e transformar a educação, diminuindo as desigualdades no processo de ensino. Mais à frente, apresentarei outros elementos dessa modalidade de educação.

Por ocasião do momento de decidir o objeto do Trabalho de Conclusão de Curso, optei pelo tema aqui apresentado para dar vazão a essa inquietação por mim experimentada ao longo do curso, mas também para demonstrar a possibilidade de mudança no processo de formação de professores. A Educação do Campo no Brasil, como paradigma, ainda é pouco conhecida, pois sua implementação tem pouco mais de duas décadas²; nascidas das lutas dos movimentos sociais em prol de uma educação diferenciada e de qualidade, as licenciaturas em Educação do Campo têm buscado formar professores que fortaleçam o vínculo entre escola e comunidade.

Nesses vinte anos, muitos avanços já foram conquistados, direitos já foram alcançados, mas as lutas devem continuar para consolidar essas conquistas e evitar retrocessos. Não podemos nos perder no meio do caminho, apesar das dificuldades encontradas. Uma das conquistas que podemos citar na luta por uma Educação do Campo é justamente a expansão do Ensino Superior ao longo da Transamazônica e Xingu. No ano de 2014, foram iniciadas 03 turmas de Educação do Campo, 02 com ênfase em Ciências da Natureza nos municípios de Pacajá e Brasil Novo e 01 em Linguagens e Códigos no município de Altamira³. Em 2015, foram ofertadas mais quatro turmas: em Placas e Brasil Novo (Linguagem e Códigos), Anapu e Senador José Porfírio (Ciências da Natureza). Em 2016, foram ofertadas três turmas: Gurupá (Linguagem e Códigos), Medicilândia e Uruará (Ciências da Natureza).

A turma de Linguagem na qual estou inserida possui o menor índice de desistência até o presente momento. Com exceção de uma minoria, somos os primeiros de nossas famílias a entrar na universidade, o que para nós filhos de camponeses é um grande avanço especialmente em termos de valorização de nossa identidade/cultura, enquanto que nas áreas urbanas ou regiões mais favorecidas, como Sul e Sudeste, as pessoas estão na universidade há quatro gerações.

Os dados que serviram de base empírica a esta reflexão são oriundos de uma pesquisa pontual realizada com meus colegas de turma (Linguagens & Códigos 2015/Brasil Novo – PA), assim como dos resultados das minhas pesquisas de Tempo-Comunidade ao longo desses quatro anos. A experiência de inovação metodológica relatada foi realizada nos dois últimos

² Nascido a partir do I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária – I ENERA, como movimento para analisar os problemas de ensino enfrentados pela população do campo.

³ Em Pacajá foram formados 20 alunos e em Brasil Novo, 23 na área de Ciências da Natureza; em Altamira, foram formados 20 alunos na área de Linguagens e Códigos no ano de 2018. No ano de 2019 temos previsão para formação de 26 alunos no município de Brasil Novo e 34 em Placas, ambas em Linguagem e Códigos. Em Ciências da Natureza serão formados 30 alunos em Senador José Porfírio e 36 em Anapu, o que totaliza uma soma de 109 professores habilitados nas áreas de Ciências e 80 nas áreas de Linguagem, com total de 189 profissionais em Educação do Campo (Dados fornecidos pela Coordenação do Curso de Educação do Campo/UFPA – Campus de Altamira).

semestres do Curso, por ocasião do Estágio Supervisionado no Ensino Médio na Escola Comunitária Casa Familiar Rural de Brasil Novo – Padre Oscar Albino Fürh – ECCFR.

Assim, busco neste trabalho, cujo foco de análise são as percepções dos estudantes recém egressos do curso analisado, apontar avanços que a região da Transamazônica teve e terá por meio das turmas que foram e serão formadas em Educação do Campo nestes últimos anos e futuramente, ressaltando a Pedagogia da Alternância como diferencial. Mas, tento apontar também os limites dessa experiência, tanto quanto a distância estrutural que ainda separa a educação básica ofertada nas escolas do campo do paradigma da Educação do Campo, como modalidade de ensino aliada à luta dos povos do campo por liberdade, autonomia e dignidade. Esse exercício de distanciamento crítico é uma tentativa de não ‘romantizar’ a realidade pelo apagamento das tensões e contradições aí existentes.

Este texto está organizado em duas seções. A primeira traz o percurso teórico-metodológico da pesquisa, explicitando espaço, tempo e sujeitos onde, quando e com quem a investigação foi feita, assim como alguns elementos conceituais que ajudam a demarcar o paradigma da Educação do Campo; trazendo também, incidentalmente, algumas reflexões sobre aspectos mais subjetivos por mim vivenciados nesse percurso. Em seguida, trago um relato da experiência vivida no Estágio Supervisionado no Ensino Médio, enfatizando pontos de ruptura com as metodologias “bancárias” de educação e indicando potencialidades de inovação e espaços de construção das mudanças tão desejadas na escola do campo.

1. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Imersa no próprio universo que pretendia investigar, comecei a buscar auxílio em abordagens de pesquisa que propiciassem – ao mesmo tempo e com a mesma intensidade e eficácia – o distanciamento e a aproximação necessários à compreensão dos fenômenos que eu queria entender e nos quais estava implicada. Assim, me encontrei com a cartografia. A pesquisa de base cartográfica é o tipo de pesquisa onde o campo de observação emerge da experiência prática na qual produção de conhecimento e produção de realidade não se separam, implicando na dissolução do ponto de vista do observador em relação ao ‘objeto’; desta forma, o pesquisador é convidado a “cuidar” e não “julgar”. Nas palavras de Alvarez & Passos, “Cartografar é habitar um território” (ALVAREZ e PASSOS, 2009).

‘Habitando’ o mesmo território que eu iria investigar, vi-me desafiada a dele me distanciar para, de dentro/fora, vê-lo melhor. A estratégia foi perguntar aos meus pares, colegas de turma, o que eu também deveria responder. Além de muitas conversas informais, dos

momentos formais de “colocação em comum”, em sala de aula, utilizei um formulário com questões fechadas, que distribuí ao conjunto dos alunos da turma. Este instrumento de pesquisa visava captar determinadas informações objetivas (como idade, sexo, grau de formação de parentes próximos, entre outros), mas também alguns aspectos mais subjetivos referentes a percepções, vivências, representações. Dos 26 alunos da turma, 21 aceitaram o convite e responderam ao formulário.

Desses 21 discentes que participaram desta pesquisa, 7 estão entre 40 a 50 anos de idade; 8, entre 30 e 37 anos; e 6, entre 24 e 29 anos. De acordo com o que afirmam, entre quase todos os entrevistados, há um sentimento de terem ingressado na educação superior com um certo atraso. Desses 21, 16 já são professores em escolas do campo; 4 já atuavam antes do início do curso de Educação do Campo, pois já tinham formação em Magistério e Pedagogia; 12 passaram a atuar na docência após o ingresso nesta licenciatura – o que pode ser indício de reconhecimento da importância dessa formação pelos gestores municípios. Os outros 10, contando comigo, atuam em outras áreas da educação e na agricultura familiar.

Quanto ao gênero, dos 26 alunos da turma, 21 são mulheres, camponesas, mães de famílias que precisam dedicar uma parte significativa de seu tempo para dar conta da vida cotidiana e que, apesar das dificuldades, buscam conciliar suas atividades com as tarefas acadêmicas. A Pedagogia da Alternância tem sido de grande valia para esta necessidade, além de nos proporcionar por meio das pesquisas de campo fortalecer os vínculos com nossa própria comunidade mediante a interação entre os Tempos-Universidade e Tempos-Comunidade.

Com relação à escolarização básica (ensino fundamental e médio), todos os discentes afirmam ter estudado em escolas públicas. Sendo que alguns cursaram o ensino fundamental em escolas do campo em turmas multisseriadas na própria comunidade (ensino fundamental) e o ensino médio em escolas urbanas, tendo que deixar o aconchego de seus familiares e morar na cidade para não parar de estudar.

Dos discentes entrevistados, 12 concluíram o ensino médio de forma regular, e 9 afirmaram ter cursado este nível de ensino em modalidades como Educação de Jovens e Adultos – EJA, Sistema e Organização Modular de Ensino – SOME e Projeto Gavião⁴. Este projeto foi uma das alternativas criadas para começar a romper as barreiras para uma Educação do Campo,

⁴ Projeto criado pelo governo federal a partir das demandas do Movimento Social – MPST para qualificar professores leigos em nível fundamental e médio que atuavam sem a formação em magistério na década de 90 no Estado do Pará, com a intenção de sanar um pouco das desigualdades de ensino no âmbito educacional campo/cidade.

antes de se obter políticas públicas voltadas para esta área. Assim, o projeto Gavião foi o início de uma educação diferenciada aos sujeitos do campo.

Apesar das dificuldades, a maioria dos entrevistados relatou que guarda boas lembranças da educação básica. Outros relataram algumas dificuldades que se estenderam até a faculdade, ligadas a “defasagens de aprendizagem”, principalmente na área de língua portuguesa. A entrevistada J descreve o seguinte: “foram muitos obstáculos, mas nunca pensei em desistir e lutei por uma educação melhor, sempre pensei e penso que a única coisa que ninguém nunca tirará de mim é meus estudos e os conhecimentos que adquiri durante esta trajetória” (J, 31 anos, 2019).

Para alguns dos discentes, o ingresso na universidade não se deu em seguida ao término do ensino médio; foi um pouco mais tarde e após terem formado família; alguns, há vários anos depois da conclusão da Educação Básica. Souberam, por meio de amigos e profissionais da educação, do Processo Seletivo Especial para Licenciatura em Educação do Campo, proposta com a qual se identificaram e por isso realizaram a seleção.

Apenas 7 dos discentes relataram ter tido a oportunidade de realizar cursos técnicos e outra formação docente, como o curso de Pedagogia, aqui já mencionado. Os outros 14 discentes tiveram seu primeiro contato com a educação superior através da Licenciatura em Educação do Campo. Segundo a entrevistada E, o ingresso na universidade de início foi difícil por causa das sequelas trazidas da Educação Básica (leitura, escrita, interpretação de textos, timidez, e etc.), mas após estudos e discussões em sala de aula durante a formação acadêmica “evoluiu” (E, 34 anos, 2019).

Quanto à questão da educação escolar entre os antecedentes (parentes próximos), segundo as informações obtidas por meio das entrevistas, na turma de Educação do Campo com ênfase em Linguagens e Códigos de Brasil Novo, apenas 11 dos estudantes têm outros familiares que ingressaram no Ensino Superior, uns estão cursando e outros já concluíram. Do total de pessoas desses familiares que têm nível superior, 8 cursaram em universidades particulares e 3 em universidades públicas, e as áreas de formação são: Pedagogia, Administração, Letras, Contabilidade, Serviço Social, Engenharia computacional, Direito e Educação do Campo.

Estes dados corroboram o que foi dito anteriormente a respeito do fato de a maioria dos estudantes da turma investigada serem os primeiros de suas famílias a ingressar na universidade.

Eles ressaltam que suas famílias são extensas e que muitos dos irmãos não concluíram nem o Ensino Fundamental. Assim, como é o caso de minha família, tenho mais 4 irmãos, que estudaram apenas até a 4ª série do Ensino Fundamental, que era o estudo que tinha perto de casa; apenas eu consegui ingressar no Ensino Superior.

Essa realidade de negação de direitos educacionais aos povos do campo, apesar dos avanços já alcançados na busca por melhorias, ainda nos apresenta grandes contrastes e desigualdades na oferta de educação escolar aos camponeses, o que nos leva a afirmar que a Educação Básica ainda tem limitações que a distanciam dos Paradigmas da Educação do Campo. Mediante as entrevistas, os colegas relatam que apesar dos avanços, a educação precisa melhorar mais, desde a sua estrutura física até a base curricular (G, 24 anos, 2019).

A turma de Linguagens e Códigos acolhe discentes de três municípios circunvizinhos: Altamira, Brasil Novo e Medicilândia. A maioria de seus componentes vive no campo, em travessões e vicinais dos respectivos municípios, onde trabalham; e em períodos de Tempo-Universidade se deslocam até a sede do município de Brasil Novo, onde passamos um período de 45 dias em estudos integrais, nos períodos de férias escolares (nos meses de janeiro e fevereiro, julho e agosto). Alguns dos discentes que moram mais perto do município vão e voltam para seus lares todos os dias; os outros que moram mais distante precisam permanecer na cidade durante esses períodos.

Ao final dos 45 dias todos retornamos para nossas casas e trabalhos, trazendo conosco atividades para serem realizadas no Tempo-Comunidade, colocando em prática nosso aprendizado de sala de aula por meio de pesquisas de campo, observação e regência em estágios supervisionados. Essa relação entre as reflexões teórico-conceituais realizadas no Tempo-Universidade e a realidade da vida cotidiana dos estudantes contribui muito para uma prática pedagógica diferenciada, formando sujeitos reflexivos que mantêm suas especificidades como povos que se organizam e lutam por melhores condições sociais, econômicas e políticas fazendo a diferença no seu contexto de pertencimento. Para Lopes (2015),

[...] experiências de formação superior, como o curso de Etnodesenvolvimento, trazem elementos importantes para pensar a complexa questão da oferta de educação diferenciada, como ação afirmativa para o enfrentamento de desigualdades sociais que atingem os “diferentes”, visando seu fortalecimento para que possam vir a se colocar em condições menos assimétricas na luta por direitos que lhes foram historicamente negados (LOPES, 2015, p. 293).

Esse vínculo entre diferentes espaços educativos, universidade e comunidade, é um dos fatores ressaltados pelos entrevistados como diferencial para o êxito do Curso. A Pedagogia da Alternância se configura, assim, como opção de decisiva importância nesse processo formativo.

1.1 Pedagogia da Alternância no desenvolvimento da aprendizagem: um processo de formação humana

A Pedagogia da Alternância é uma teoria pedagógica diferenciada que se baseia na premissa de que existem diferentes espaços-tempos educativos e de que é da interação entre estes espaços que se nutre o processo formativo. Deste modo, a realidade do aluno, seus saberes e necessidades se entrelaçam aos conhecimentos escolares numa dinâmica que origina, sistematiza e compartilha saberes e experiências, reforçando os laços entre escola e comunidade. Assim, o aluno pode fazer uma constante ligação entre a teoria e a prática, inserindo na propriedade familiar e no contexto social o que aprende em sala de aula. Para Meneses: “Observa-se nesta proposta educativa a ênfase dada à instrução técnica, que, no trabalho agrícola familiar, apresenta-se como possibilidade de desenvolvimento do meio rural, tendo em vista a expropriação em muito incentivada pelos projetos modernizadores”. (MENESES, 2010, p.18).

Esta modalidade pedagógica nasceu na França em 1935 a partir dos questionamentos de três agricultores e um padre em Sérignac-Péboudou, que tentavam solucionar os anseios de um jovem de quatorze anos, filho de agricultores, que não se sentia confortável na escola tradicional, por não ver respondidas suas expectativas nem as de seus familiares. Após discussões entraram em consenso para usar um método diferenciado na educação de quatro jovens que estavam no mesmo impasse. Pela solução encontrada, esses jovens poderiam ficar um período na paróquia aprendendo e outro período em casa com seus familiares conciliando trabalho e estudos.

Assim, em alternância, os jovens sob responsabilidade da família e da paróquia teriam formação técnica, geral, humana e cristã. A experiência superou os anseios das famílias e, após acirrados debates, levou à criação da primeira Casa Familiar Rural e se espalhou para o mundo, chegando ao Brasil em 1969, inicialmente na região de Anchieta, no Estado do Espírito Santo (FONSÊCA E MEDEIROS, 2006). Desde então, a Pedagogia da Alternância foi se expandindo pela criação de inúmeros CEFAS/Centros de Formação por Alternância e, mais recentemente, passou a ser utilizada também em universidades.

Na região da Transamazônica, as primeiras experiências com as CFRs em modelo de alternância foram nos municípios de Medicilândia, em 1995, e Pacajá em 1998. Em seguida,

Uruará, Brasil Novo e Anapu (MENESES, 2010). Esta modalidade de ensino tem proporcionado o acesso e a permanência de jovens na escola e no campo, fortalecendo os laços familiares e comunitários e oportunizando acesso à educação escolar, sem tirar os jovens de suas localidades.

1.2 A Pedagogia da Alternância na Licenciatura em Educação do Campo

Desde o início das minhas inquietudes a respeito dos efeitos que a formação em educação do campo, em nível de licenciatura, poderia provocar na realidade da educação básica do campo, ficava me perguntando o que este curso tinha de específico que o diferenciava tanto de outras possibilidades de formação superior. Com o objetivo de conhecer a percepção dos entrevistados sobre o ensino por alternância, fiz a seguinte pergunta: que tipo de diferença essa filosofia de educação trouxe ao seu processo de aprendizagem? Como resposta, a maioria relatou que essa metodologia foi de fundamental importância para sua formação, pois por meio dela, é possível conciliar a família, o trabalho e o estudo, uma vez que possibilita o olhar diferenciado aos sujeitos, principalmente os do campo:

A Pedagogia da Alternância é uma metodologia transformadora. Pois possibilita ao aluno ter o tempo em sala de aula, aprendendo a teoria e depois ir para a propriedade familiar e comunidade, colocando em prática tudo que aprendeu. Podendo fazer um levantamento das problemáticas ali existentes, trazer para sala de aula, discutir em grupos e juntos perceber os pontos a serem melhorados. O lugar onde vivemos acaba sendo um laboratório de pesquisa para o aluno, onde se detecta problemas, propõe-se estratégias e metodologias que busquem as possíveis soluções de tais situações (A, 24 anos, 2019).

A diferença que esta metodologia de ensino nos proporcionou foi significativa para nossa formação acadêmica e vivência humana. Nos fez enxergar e compreender que os espaços formativos devem se inter-relacionar em condições menos desiguais. Nesta concepção, fica claro que cada espaço mantém as suas especificidades e só é possível percebê-las e vencer o sistema dominante por meio de um currículo diferenciado e transformador.

O conjunto das respostas obtidas quanto a este ponto evidencia que essa escolha político-institucional pela Pedagogia da Alternância é visto e sentido pelos estudantes como central para o êxito do curso. Meus colegas foram unânimes ao ressaltar que com absoluta certeza nenhum outro curso de graduação oferece uma formação docente com este tipo de capacitação voltada aos sujeitos do campo: “com certeza acredito que nenhum outro curso ofereceria essa formação, tendo professores que sabem como é nossa realidade e nosso modo de viver, para mim é uma honra poder dizer que fiz parte dessa formação” (K, 26 anos, 2019).

Sobre o sentido da Alternância na universidade, Mônica Molina ressalta que:

A alternância pode ser tomada não só como um importante método de formação docente, mas também como uma estratégia com relevante potencial de promoção de significativa interação entre ensino e pesquisa na Educação Básica, considerando fortemente as condicionantes socioeconômicas da relação pedagógica. A alternância promove ainda uma permanente e constante interação no processo de formação docente entre a universidade e as escolas do campo nas quais atuam os educadores em formação nas Licenciaturas (MOLINA, 2017, p. 598).

O que afirma a autora é o que temos presenciado durante nossa licenciatura. A Secretaria de Educação - SEMED⁵ de Brasil Novo tem acolhido 18 profissionais licenciados e licenciandos em Educação do Campo em seu quadro de educadores, algo de grande proporção para a Educação do Campo hoje, reconhecimento de gestores por apostar e acreditar em profissionais que se comprometeram e querem fazer a diferença dentro da realidade camponesa e da educação brasileira.

A diferença que trazemos conosco após estes 4 anos de curso é significativa, aprendemos a nos defender, expor nossas opiniões, conhecermos nossos direitos e também deveres. Para Paulo Freire “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p. 59). O processo educacional, principalmente escolar, deve ser espaço produtor de rupturas, fortalecendo as identidades, comunidades e seus diferentes saberes. Contribuindo para a autonomia das sociedades, destruindo as pedras do caminho, construindo um presente e um futuro com mais sustentabilidade humana.

Segundo Mônica Molina: “A formação para a pesquisa é uma frente intensamente trabalhada nos cursos, sendo componente curricular existente em todos os tempos universidade” (MOLINA, 2017, p. 596). As Licenciaturas têm nos incentivado a colocar em prática no meio em que convivemos tudo o que aprendemos e resgatamos em sala de aula e fora dela, resgatando saberes e contribuindo para que novas gerações os conheçam e pratiquem.

De acordo com Verdério (2018):

Nesta perspectiva, a pesquisa no regime de alternância é potencializada e é potencializadora da necessária relação entre ensino, pesquisa e extensão na Educação Superior e em especial na sua interface com a Educação do Campo.

⁵ A Secretaria de Educação – SEMED de Brasil Novo quanto instituição com poder de escolha na contratação de profissionais em educação, optou por contratar uma boa parte de educadores com a formação em Educação do Campo, algo de grande relevância na luta por uma educação do Campo de qualidade almejada por duas décadas, e que a partir de decisões como esta, pode fazer a diferença no processo de ensino.

O tempo universidade e o tempo comunidade, e a relação entre ambos, são concebidos como espaços de práxis e, assim, das relações entre teoria e prática e entre trabalho manual e trabalho intelectual. Neste aspecto, a pesquisa é compreendida como um contínuo que integra todo o processo formativo, em que reflexões coletivas são produzidas como parte de processos de compreensão e intervenção mais qualificados na realidade (VERDÉRIO, 2018, p. 165).

Vemos de maneira clara a importância da pesquisa no regime de alternância, a qual proporciona aos estudantes a oportunidade de buscar no seu lugar de pertença dados que possibilitem discussões em sala de aula, para que se retorne à comunidade com possíveis soluções para os temas investigados, proporcionando alargamento da compreensão, interação e intervenção melhor informadas. Nas CFRs, esta prática de ensino visa à difusão de conhecimentos técnicos, o que melhora a produção na agricultura familiar, já que os problemas trazidos à sala de aula retornam com soluções e técnicas antes desconhecidas pelo sujeito do campo (MENESES, 2010). Quanto à utilização da Pedagogia da Alternância pelas universidades, Verdério nos traz uma ressalva:

Contudo, contata-se ainda a configuração de uma perspectiva de pesquisa que, voltada para a construção da Escola e da Educação do Campo, necessita romper com um certo confinamento temático restrito ao âmbito pedagógico, para que permita compreender também a escola e a própria Educação do Campo desde os sujeitos e a realidade a que se refere. Essa ampliação relacionada ao campo temático traz a possibilidade de potencializar a interdisciplinaridade como elemento epistemológico da Educação do Campo, o que aponta para a formação por área do conhecimento (VERDÉRIO, 2018, p. 165).

Assim, um dos grandes desafios é a realização de um trabalho organizado e planejado que atenda à necessidade de romper com esse “confinamento temático”, que de fato quebre ou pelo menos aponte elementos concretos de ruptura com as pedagogias tradicionais, trazendo à formação de professores e, conseqüentemente, à escola básica do campo, novas perspectivas de atuação político-pedagógica que seja capaz de enfrentar as contradições inerentes ao campo educacional de forma tornar a escola produtora de conhecimento que ajude a fortalecer os projetos de vida e futuro das populações camponesas.

1.3 A Licenciatura em Educação do Campo: possibilidades & realidade

As Licenciaturas em Educação do Campo na Amazônia têm buscado formar profissionais capazes de produzir, socializar e transformar o conhecimento, diminuindo a desigualdade educacional. No caso específico do curso aqui investigado, a modalidade ofertada é presencial com ingresso por Processo Seletivo Especial - PSE. O ensino é em turno integral

com 8 horas diárias, com total de 8 períodos com no mínimo 4 anos de duração e máximo 6 anos, de forma modular e paralela, somando uma carga horária de 3.300 horas com regime acadêmico de atividades complementares. Neste sentido, Molina afirma que:

Tal estratégia de oferta objetiva facilitar o acesso e a permanência no curso dos professores em exercício nas escolas do campo, possibilitando seu ingresso na educação superior sem ter de abandonar o trabalho na escola básica para elevar sua escolarização, bem como intenciona evitar que o ingresso de jovens e adultos do campo nesse nível de ensino reforce a alternativa de deixar a vida no território rural (MOLINA, 2017, p. 596).

Assim sendo, as Licenciaturas em Educação do Campo tendem a fortalecer os laços entre seus discentes e o ambiente em que vivem. As disciplinas ofertadas abrangem temas e áreas diversificadas, como por exemplo: domínio da Língua Portuguesa, gestão organizacional, direitos humanos, cuidados com meio ambiente, visão crítica para relações linguísticas e literárias, percepção de diferentes culturas, utilização de recursos de informática, equidade étnico racial, transversalidade em Libras, fundamentos da Educação Especial, dentre outros.

Os métodos utilizados se baseiam em pilares como diálogo, multidimensionalidade, transversalidade, contextualização, flexibilidade e alternância como elementos de articulação e sustentação para a formação de professores (VERDÉRIO, 2018). A formação requer, como momentos de aprendizagem profissional, estágios supervisionados com carga horária de 400 horas entre o ensino fundamental e médio, além de trazer disciplinas optativas com o intuito de diversificar e enriquecer o currículo. Para Molina,

Os cursos de Licenciatura em Educação do Campo têm como objeto a escola de Educação Básica, com ênfase na construção da Organização Escolar e do Trabalho Pedagógico para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Os cursos objetivam preparar educadores para, além da docência, atuar na gestão de processos educativos escolares e na gestão de processos educativos comunitários (MOLINA, 2015, P. 152).

A Licenciatura em Educação do Campo tem nos proporcionado viver esta realidade de forma significativa na teoria e na prática, sendo mais humanos, tendo empatia⁶ para com o nosso próximo e principalmente para com nossos alunos, buscando superar paradigmas e respeitar as diferenças, transformando e construindo uma nova educação, compreendendo nossa própria existência.

⁶ Baseia-se na partilha e na compreensão de estados emocionais de outros (colocar-se no lugar do outro).

A escolhas que fazemos a partir de nossa formação devem estar ligadas aos nossos objetivos como ferramenta na construção do conhecimento e não imposição do mesmo. Esta educação diversificada só se torna possível com investimento afetivo (FREIRE, 1983). Todavia, precisamos avançar na formação de profissionais do campo, com olhar crítico e reflexivo que entendam as especificidades desses povos buscando melhor qualidade de vida e ensino. Este é um desafio que está colocado, dado que – apesar dos reconhecidos avanços e conquistas alcançados – ainda persistem muitos problemas na oferta da educação básica nas escolas do campo, como nos alerta Salomão Hage, 2014:

Ainda que reconheçamos muitos avanços em termos das políticas educacionais para o campo, que se evidenciam na expansão e em mudanças quanto ao atendimento nos diversos níveis de ensino, estamos muito distantes de assegurar a universalização da Educação Básica aos sujeitos do campo, bem como de superar o quadro de acentuada desigualdade educacional, marcado por uma situação ainda precária em relação à permanência e à aprendizagem dos estudantes nas escolas do campo (HAGE, 2014, p. 1171).

Levando em consideração essa realidade, e tendo em vista a centralidade dos novos profissionais que estão sendo formados para a alteração deste cenário e a advertência de Paulo Freire, “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.47), perguntei aos estudantes sobre suas percepções a respeito do potencial de sua atuação, assim como sobre os limites que enfrentam e enfrentarão.

As respostas que obtive por meio das entrevistas, assim como por meio da minha própria percepção diante dos estágios, mostram que algumas escolas e seus professores procuram adequar seu currículo para atender as necessidades dos alunos do campo, mas outras escolas ainda não atendem a essas realidades, principalmente nos conteúdos trabalhados. Acreditamos que estas dificuldades se devem a uma constelação de fatores, dentre os quais destaco a falta de vontade política de muitos gestores em conhecer e operacionalizar as diretrizes da educação do campo (já definidas em legislação própria), estruturas e materiais inadequados para a realidade das escolas do campo, formação docente ainda voltada apenas para a escola urbana, que faz com que muitos professores se apeguem a livros didáticos e matrizes impróprias oriundas da cidade e a métodos tradicionais “se diferenciando da proposta educacional do Curso” (Al, 25 anos, 2019).

De acordo com esta realidade podemos afirmar que a educação precisa de novas políticas públicas e aulas inovadoras com currículo diferenciado para os sujeitos que nela estão

inseridos, desafios que ainda estão por serem superados. Como proposta primordial ressaltar a importância de formar novos professores nas áreas de Linguagem nas Licenciaturas de Educação do Campo de forma a contextualizar este modelo educacional visando a realidade do educando, condição de permanência e produção de uma vida digna na propriedade familiar, firmado “na sua materialidade de origem e no movimento histórico da realidade a que se refere” (CALDART, 2008, p.69).

Com objetivo de enriquecer este trabalho, foi perguntado aos discentes de que forma o curso de Educação do Campo foi importante para a sua formação humana e profissional e se a formação que tiveram foi diferenciada de outros cursos de graduação. Em resposta, todos ressaltaram a importância do Curso para seu crescimento pessoal, profissional e social, nos incentivando a olhar de outra forma para nosso local de origem e respeitar os diferentes saberes que são passados de geração em geração, compreendendo melhor a ligação entre campo e cidade, “acredito na socialização do indivíduo com o meio em que ele interage, se ambos estão longe um do outro, não haverá educação igualitária, mas desigual” (J, 45 anos, 2019).

Para A, “devemos saber dos nossos deveres sim, mas também de nossos direitos, das leis que nos amparam, certamente a frase que vai ficar comigo e que foi a primeira que ouvi na faculdade é *Educação do Campo é Direito e não Esmola*” (A, 24 anos, 2019). Como significância profissional J nos diz o seguinte: (...) “devemos ser educadores diferentes, que possamos fazer a diferença e não reproduzir uma educação tradicional” (J, 31 anos, 2019). Todas essas falas refletem o enriquecimento ao nosso conhecimento adquirido mediante o curso e como a diversidade nas disciplinas ofertadas foi significativa para nos dar outra direção e percepção de mundo.

Não posso deixar de salientar novamente a importância do número de profissionais que estão sendo formado nesta licenciatura, e que em breve ainda teremos uma margem maior de educadores comprometidos com as especificidades dos sujeitos do campo. O que significa um ponto de conquista sem igual para nós, povos de culturas oprimidas, como respostas para muitas lutas que já foram travadas neste contexto.

Dando sequência aos pontos de avanços, os colegas ressaltaram como aspecto principal o nível elevado de “CONHECIMENTO” proporcionado pelo curso e seus professores; destacam as habilidades, metodologias diferenciadas e práticas educativas que nos prepararam para a vida. J descreve que “desde o primeiro período percebi que se tratava de um curso diferente, voltado para nossa realidade” (J, 31 anos, 2019). Passamos a conhecer legislações, ações e apoios pedagógicos antes desconhecidos e também não vistos em outras graduações.

Tais aspectos fizeram com que alcançássemos mais confiança em nós mesmos nas áreas pessoais e profissionais, fortalecendo os laços com nossas raízes.

Não poderíamos esquecer de que um desses avanços, e que nos deixa orgulhosos, é ter o reconhecimento pela avaliação realizada pelo MEC com a nota máxima 05, para nós foi gratificante, uma honra fazer parte desta história de luta que através dos tempos vem conquistando o espaço que é nosso por direito, povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e comunidades tradicionais.

Quanto aos limites ainda presentes nesse processo de formação em Educação do Campo, busquei entender como os estudantes percebem as limitações pelas quais passamos para chegar até o presente momento. Dentre as limitações citadas, foram destacadas principalmente o pouco tempo para as disciplinas serem ministradas, uma semana de duração é um intervalo curto para a apropriação de tantos assuntos que poderiam ter sido mais discutidos em sala de aula. O corte de recursos, que nos proporcionavam alimentação, estadia e material impresso, também nos causou algumas dificuldades econômicas.

Outras limitações citadas têm relação com a distância que alguns colegas tinham que percorrer para chegar no local da faculdade, a falta de um espaço só para nós discentes da LEdoC, as sequelas deixadas pelo ensino básico, a falta de acolhimento durante os estágios em algumas escolas. A falta da participação da família nas escolas fez com que nos sentíssemos inseguros, mas apesar dessas limitações temos buscado superar todas elas de forma positiva e de constante aprendizado, passando a compreender cada dia mais a capacidade humana de fazer algo novo, lutar contra o desconhecido e vencer.

Sabemos que o sistema opressor ainda propaga uma falsa democracia racial, onde o capitalismo se impõe acima dos valores morais, oprimindo muitas culturas, não só a camponesa. Mas apesar das limitações existentes, temos que quebrar paradigmas, buscar e fazer a diferença. Tal processo faz com que sejamos profissionais melhores, que respeitam seus alunos como sujeitos portadores de conhecimentos, com autonomia própria e saberes diferenciados. Nessa direção, uma estudante entrevistada afirmou que “o curso me fez ter um novo olhar de mundo, buscando sempre trabalhar de forma diferenciada e sabendo respeitar as diferenças de cada um, levando em consideração suas crenças, cultura e seu jeito de viver” (K, 26 anos, 2019). Outra entrevistada, C, nos traz uma fala interessante referente ao tipo de profissional que o curso lhe propôs ser:

Um profissional que acredita no potencial do aluno, como seres capazes de interagir com suas ideias e opiniões dentro e fora da sala de aula, “o lema é educar para a sociedade”, se pensarmos assim, nos tornamos mais humanos, onde não só o professor é detentor do saber, mas alunos e pais representam um multiculturalismo no aspecto escolar (C, 46 anos, 2019).

Uma terceira entrevistada, A, ressalta que:

O curso permitiu para que me tornasse uma profissional de caráter, de respeito ao próximo, que se preocupa com a qualidade da educação que irá passar aos alunos, de seguir as leis dos direitos humanos, buscar sempre novas metodologias, nunca aceitar injustiças, buscar e transmitir as coisas certas que levam para o bem (A, 24 anos, 2019).

As falas dos entrevistados apresentam opiniões parecidas e que são contempladas nas falas dos colegas. Percebo o estímulo e autoestima que carregam em relação ao curso, a segurança com que olham em perspectiva para o futuro. Uma das responsáveis pela criação desse Curso salienta o seguinte: “O grau de satisfação dos estudantes para com a formação vivenciada é digno de nota, o que não significa que não haja frustração, reclamações e dissensão” (LOPES, 2015, p. 291).

Como expectativas para o futuro, a maioria dos discentes da LEdoC disse almejar outros cursos que lhes capacitem ainda mais qualificando-os para o mercado de trabalho e o contexto social rural e urbano. Trabalhando de forma a incentivar outros a conhecer cursos com currículo diferenciado como a Educação do Campo buscando fortalecer a agricultura familiar, novas políticas públicas voltadas para a educação conquistando o que é nosso por direito e superando paradigmas que ainda sustentam que o campo é lugar de atraso. Vejamos a fala de J, que afirma o seguinte:

No cenário político em que se encontra nosso país hoje, onde temos no poder um governante que não nos representa, não dá para ter muitas expectativas para o futuro não. O que eu quero é que tenhamos a oportunidade de trabalhar na área em que estamos sendo formados, que tenhamos concursos públicos voltados para a Educação do Campo, para que não fiquemos como a maioria de nossos educadores, principalmente do campo, onde trabalham por meio de contratos, sem nenhuma garantia de seus direitos. Não pretendo sair do campo, deixar a agricultura familiar da qual faço parte para atuar como professora na cidade. Estou preparada para viver as experiências e as oportunidades que a vida me proporcionar. (J, 31 anos, 2019).

Quando perguntei aos entrevistados sobre o que significa a Educação do Campo hoje para eles, responderam que significa “sonho realizado” e respeito às diferenças. Por sermos de

comunidade tradicionais camponesas sentimos orgulho em fazer parte desta história que nem sempre tem sido de vitórias, mas sempre de muita perseverança em nossos sonhos e objetivos “*não vou sair do campo pra poder ir pra escola, Educação do Campo é direito e não esmola*”.

Como diz Paulo Freire: “uma educação que pretendesse adaptar o homem estaria matando suas possibilidades de ação, transformando-o em abelha. A educação deve estimular a opção e afirmar o homem como homem. Adaptar é acomodar, não transformar” (FREIRE, 1983, p. 32). Desta forma, devemos ser quem somos e jamais negar nossa identidade e nossas tradições, não nos acomodarmos com o que não nos faz bem, mesmo que aparentemente não nos atinja, uma hora somos nocauteados por nossa ignorância em acreditar que nos adaptar é o melhor a se fazer.

Na seção seguinte trago um breve relato de experiência para evidenciar possibilidades concretas de ação docente diferenciada. Aqui trago este relato para demonstrar um pouco de minha experiência de estágios vivenciados em um ambiente novo e de muito aprendizado. São dados referentes ao Estágio Supervisionado no Ensino Médio, realizado na Escola Comunitária Casa Familiar Rural de Brasil Novo – Padre Oscar Albino Fürh – ECCFR, localizada aproximadamente a três quilômetros do Município de Brasil Novo no travessão da 14, Barraco Queimado, atravessando pelo centro da Cidade Alta, bairro deste município.

2. A CONSTRUÇÃO DO NOVO A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NA CASA FAMILIAR RURAL PADRE OSCAR ALBINO FÜRH: A MARCA DA DIFERENÇA

O Estágio na CFR de Brasil Novo me proporcionou conhecer, aprender e trabalhar com as turmas do Ensino Médio na área de Linguagem, especificamente nas disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Artes. A maioria dos conteúdos trabalhados durante estes estágios faz parte do Projeto Didático intitulado “Despertando novos saberes por meio do ensino de língua portuguesa e literatura em turmas do Ensino Médio”.

O referido Projeto Didático é uma proposta de intervenção didático-pedagógica elaborado como proposta de ação docente por ocasião do Estágio supervisionado buscando despertar novos conhecimentos e prazeres nas disciplinas de Linguagem, a fim de motivar os alunos no estudo da língua e da literatura na vida cotidiana, de forma a promover o lazer dentro e fora do contexto escolar, trabalhando com novas metodologias e práticas pedagógicas que proporcionassem melhor interação entre professor-aluno e aluno-professor. Os estágios foram realizados de forma integral durante os 15 dias de alternância na Escola, totalizando 100 horas, entre observação e regência.

A Escola Comunitária Casa Familiar Rural⁷ Padre Oscar Albino Fürh (ECCFR) de Brasil Novo nasceu da necessidade de proporcionar ao jovem agricultor exploração de técnicas agrícolas e alternativas voltadas para a diversificação de culturas e produção que auxiliassem diretamente na Agricultura Familiar. “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e criar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias (FREIRE, 1983, p. 30). Neste sentido, o homem passa a dar significado a sua própria existência.

A escola tem como princípios a preservação ambiental, a contenção de desmatamentos, o desenvolvimento e fortalecimento da base familiar camponesa, com uma formação multidimensional, incentivando o jovem quanto a sua permanência no seio familiar, contendo o latifúndio e o êxodo rural. Seus conhecimentos adquiridos na escola são colocados em prática em casa, por meio de uma educação diferenciada e de qualidade, como já salientado anteriormente.

A escola-campo de estágio oferta o Ensino Fundamental Maior e o Ensino Médio-Técnico em Agropecuária. O regime adotado é a Pedagogia da Alternância, conforme a qual o aluno passa um período de 15 dias na escola, em sistema de internato, e 15 dias em casa com seus familiares, auxiliando nas atividades produtivas. No período em que ficam na escola, os alunos auxiliam nos trabalhos diários, como limpeza do ambiente (quartos, salas, etc.), das louças, e no que houver necessidade.

As tarefas são divididas e sorteadas no primeiro dia de alternância, cada equipe se responsabiliza por algo durante os dias de internato. Nesse período, os alunos permanecem na escola acompanhados por monitores que se revezam entre si nos períodos diurno e noturno, seja como professores, seja como orientadores. Meneses afirma que: “a forma escolar fundada na Pedagogia da Alternância teria na família e no meio rural um dos *espaços-tempo* referência para o desenvolvimento das atividades didáticas e sócio profissionais” (MENESES, 2010, p. 94).

Foi interessante e gratificante conhecer este outro processo de formação diferenciado daquele implementado na rede oficial. Diferentemente das escolas urbanas onde outros colegas

⁷ As CFRs originaram-se na França em 1935, a partir da ação dos sindicatos de agricultores familiares e da ação da Igreja Católica visando a oferecer uma “educação alternativa aos jovens então desinteressados da educação formal”. Desde então, as CFRs têm como forma ou metodologia a Pedagogia da Alternância, na qual os tempos de estudo e convivência na escola e na família/comunidade são alternados e interrelacionados. A forma organizativa das CFRs, em geral, apresenta enquanto referência sócio-pedagógica as organizações sociais e as famílias de agricultores representados na figura jurídica da Associação de Pais, sendo que a participação das famílias nesta associação é uma exigência para os filhos estudarem nas CFRs (MENESES, 2010, p. 73).

estagiaram e onde, segundo seus relatos, não foi possível fazer um trabalho diferenciado, na CFR trabalhamos eu e outras colegas com conteúdos inseridos no contexto do aluno, trazendo para o dia a dia da sala de aula os temas a serem trabalhados, conhecendo esses alunos, o contexto no qual estão inseridos, seus anseios e planos futuros e colocamos em prática novas metodologias de ensino. Trabalhamos com dinâmicas, recursos tecnológicos, gincanas, aulas ao ar livre, acompanhamento em tarefas da Base Técnica e outros. Os alunos participaram com dedicação e bom gosto de cada atividade proposta.

Neste ambiente foi possível trabalhar aulas voltadas para o teatro e o mundo literário com o objetivo de promover conhecimento nas artes cênicas, reconhecendo sua importância no desenvolvimento coletivo e social. Na área da literatura foi possível trabalhar diversas obras literárias e levar o aluno a conhecer de forma simplificada os diferentes estilos e emoções organizadas em várias obras de diferentes autores literários brasileiros e portugueses.

Dentro deste contexto, trabalhamos alguns períodos literários da estética portuguesa como: Classicismo trazendo a obra os *Lusíadas* para análise, Romantismo em Portugal com Almeida Garret e Camilo Castelo Branco. E como destaques literários brasileiros: Realismo no Brasil com a obra “*Dom Casmurro*”, Machado de Assis, O “*Cortiço*” de Aluísio de Azevedo e Romantismo no Brasil “*Canção do Exílio*” do autor Gonçalves Dias. Todas essas diferentes obras proporcionaram conduzir o aluno a refletir e interpretar textos de forma clara e objetiva auxiliando na leitura e escrita, o que diferencia o processo de ensino literário em alternância, onde os alunos são conduzidos a estudar as obras dos autores, mais do que a vida.

Outras pesquisas sobre ensino de literatura têm apontado que nas escolas convencionais é muito comum o trabalho com esta manifestação artística se resumir ao estudo aligeirado da vida e da lista de obras produzidas pelos autores; quando muito, arrisca-se a apresentar as características das escolas literárias em excertos de algumas poucas obras consagradas, via de regra de forma descontextualizada, tirando-se dos estudantes a oportunidade de vivenciar a experiência estética que somente a leitura-fruição, a apreciação humana do outro simbolizada pela ficção literária podem proporcionar (cf. SANTOS, 2018).

As imagens apresentadas a seguir são uma pequena mostra do muito que se pode fazer para motivar os alunos a se interessar por atividades relacionadas à área de linguagem, sejam estas de análise linguística ou de leitura de textos literários. Esse é, provavelmente, um dos maiores desafios que teremos pela frente como educadores na área de Linguagem, considerando a importância desse fator para a nossa condição de seres humanos. É pela linguagem que nos tornamos humanos e a escola precisa assumir o compromisso de não compactuar com o

encurtamento dessa faculdade eminentemente humana, nem com o embrutecimento que decorre daí – o que requer uma postura conceitual e pedagógica menos estreita e menos reducionista das diferentes manifestações linguísticas, especialmente da literatura.

Figuras 01-08 – Registro de algumas atividades realizadas no Estágios Supervisionado no Ensino Médio, Casa Familiar Rural de Brasil Novo – PA



Fonte: Arquivo pessoal Laire Clemente.

A escola tem como papel principal contribuir para que os educandos desenvolvam suas habilidades e competências na formação do caráter pessoal e social, formando para o pleno exercício da cidadania. O período que passamos na Casa Familiar Rural de BN trouxe muitos elementos que demonstram que esta escola busca concretizar essa função social de forma significativa. Percebi a união com que os professores e alunos planejam suas atividades, tarefas e estadia durante cada alternância, de modo a manter a um ambiente de paz, disciplina e aprendizagem. Os alunos se dedicam ao estudo e interagem de forma espontânea com seus educadores, aprendem brincando e trabalhando, todos partilhando seus diferentes saberes.

A profissão docente nos permite refletir sobre esta desafiante prática de ensino. Passando a compreender e reconhecer o quão importante é o papel do educador para a sociedade. Esta prática nos incentiva buscar a valorização do saber próprio do aluno fortalecendo os laços e exercendo nossa profissão com compromisso e amor. Todavia, Freire nos deixa uma reflexão: “O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar” (FREIRE, 1996, p.112).

Considerando sem concluir

Conhecendo e vivenciando a Pedagogia da Alternância como *marca da diferença* pude refletir o quanto a prática docente é importante para as famílias camponesas, as quais passam a ter acesso ao conhecimento, porque permite que o aluno permaneça por mais tempo no seio familiar, aplicando o aprendizado da sala de aula em suas propriedades, estabelecendo a realidade dos sujeitos do campo, despertando o senso crítico e reflexivo para que se tornem cidadãos capazes de formar e defender ideias nos diferentes contextos sociais.

E os filhos de agricultores, camponeses, ribeirinhos, indígenas e quilombolas não precisam deixar de vez a propriedade de seus pais para ir em busca de estudos e condições melhores na cidade, eles passam a compreender que podem ter tudo isto ali mesmo no campo. Desta forma, a Casa Familiar tem auxiliado muito nesse processo, estabelecendo uma ligação da teoria com a prática por meio da pedagogia da alternância. Sabendo que: “não cria aquele que impõe, nem aqueles que recebem; ambos se atrofiam e a educação já não é educação” (FREIRE, 1983, p. 69).

Os conteúdos trabalhados na CFR também nos permitiram ter um contato maior com o mundo literário, conhecendo e analisando grandes obras de diversos autores brasileiros e portugueses que afloram nossa humanidade com relação a muitas coisas, principalmente a

respeito do nosso próximo e suas/nossas diferenças. É gratificante ter usado práticas pedagógicas e recursos diversificados que foram aprovados dentro e fora da sala de aula, fazendo-nos sentir no caminho certo e nos incentivando a buscar sempre algo novo que estimule a nós educadores e aos nossos educandos, enriquecendo a cada dia nosso currículo e aprendizagem.

Para mim, concluir a Educação Básica e ingressar na universidade foi e tem sido uma grande conquista, meus irmãos sempre me incentivam e relatam suas angústias por não poderem ter frequentado mais a escola, devido às dificuldades com a distância e falta de transporte escolar para saírem do campo e ir para a cidade. É por esses e outros motivos que as Licenciaturas em Educação do Campo têm buscado sanar estas desigualdades, vinculando-se à construção de um modelo educacional que priorize os sujeitos do campo e outros povos com a mesmas especificidades em contrapartida ao agronegócio⁸ e má distribuição de recursos (HAGE, 2014).

Vivemos em uma era com uma extrema necessidade de transformar a realidade ao nosso redor. A luta precisa continuar na busca de resgatar e conhecer valores e anseios que conscientizem para que haja uma nova sociedade, mais justa e com menos desigualdades entre seus habitantes. Para isto, não podemos ter vergonha de quem fomos e somos, fazemos parte da história, temos que ser nós mesmos e nos orgulharmos disso, construindo e valorizando nossa própria identidade, formando e incentivando novos professores a conhecer esta realidade diferenciada.

E para continuarmos a transformar a educação, proponho mediante este trabalho como um dos muitos métodos pedagógicos de ensino, considerar a Pedagogia da Alternância como marco de partida para nossas salas de aulas nas escolas do campo, valorizando o conhecimento do aluno, ouvindo, dialogando e partilhando cada vez mais o aprendizado de forma prazerosa. Assim cativando o educando para a autonomia, resgatando culturas e histórias de seus antepassados, com dignidade e respeito pelos povos da terra, a sua, a nossa terra, fonte do sustento do campo e cidade, ambos buscando alcançar um novo futuro.

No entanto, é fundamental que pais e escolas trabalhem juntos visando intermediar o conhecimento do educando. De igual importância é o planejamento contínuo das aulas, organização do espaço da sala de aula para que as mesmas se tornem interessantes, dinâmicas

⁸ Conjunto de operações da cadeia produtiva de monocultura em larga escala, do trabalho agropecuário até a comercialização (defesa de interesses dos grandes proprietários de terras sufocando pequenos agricultores).

e incentivadoras para ambos, professores e alunos. A flexibilidade do profissional docente deve ser contínua de acordo com a necessidade de mudar seu comportamento e planejamento, sem que com isso se perca o foco do seu objetivo como aprendiz e educador.

Desta forma, as Licenciaturas em Educação do Campo são um eficiente instrumento de mudança na realidade educacional porque suas escolhas político-institucionais bem definidas, tanto teórica quanto metodologicamente falando, a qualificação do seu quadro docente e, por conseguinte, o interesse e o compromisso dos estudantes podem render, em curto prazo, experiências muito impactantes na “ponta” – a sala de aula da educação básica, aspecto que busquei evidenciar pelo relato de experiência vivenciada como aprendizagem profissional no último Estágio Supervisionado.

Sinto-me privilegiada por fazer parte deste curso, fruto das lutas dos movimentos sociais pelos nossos direitos de camponeses, aprendendo a lutar pelo que acreditamos e pelo lugar de onde nascemos, crescemos e vivemos. Me identifico com o curso não só porque apresenta nossa realidade camponesa, mas por gostar da área de linguagem. Até aqui mudei muito minhas percepções e acredito mudar ainda mais, procurando ser uma pessoa melhor e uma profissional cada vez mais implicada com as necessidades e anseios da comunidade a que pertença.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Johnny e PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia & ESCÓSSIA, Liliana, **Pistas do Método da Cartografia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.
- CALDART, Roseli Salete. Sobre a Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice, **Campo – políticas públicas – educação**. Brasília: Incra; MDA, 2008.
- CLEMENTE, Maria Laire de. **VII e VIII Relatórios de Tempo Comunidade** – Curso de Educação do Campo/Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira, Pólo de Brasil Novo, Pará, 2018. *Mimeo*
- FONSÊCA E MEDEIROS. Aparecida Maria e Maria Osanette de. Currículo em Alternância: uma nova perspectiva para a educação do campo. In: QUEIROZ, João, SILVA, Virgínia & PACHECO, Zuleica, **Pedagogia da Alternância: construindo a educação do campo**. Goiânia: Ed. da UCG; Brasília, Ed. Universa, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HAJE, Salomão Antônio Mufarrej. Transgressão do Paradigma da (Multi) seriação como referência para a construção da escola pública do campo. Campinas, 2014.

LOPES, Raquel. Entre dois mundos: demandas & respostas à educação superior para/com povos e comunidades tradicionais. In: BELTRÃO, Jane & OLIVEIRA, Assis, **Etnodesenvolvimento & Universidade: formação acadêmica para povos indígenas e comunidades tradicionais**. Editora Santa Cruz, Belém – 2015.

MENESES, Alcione, Sousa. **Quando Mudar é condição para permanecer: a escola Casa Familiar Rural e as estratégias de reprodução social do campesinato na Transamazônica (Pará-Amazônia)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará Instituto de Filosofia e Ciências Humanas programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Belém, 2010.

MOLINA, Mônica Castagna. Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 55, jan./mar. 2015. Editora UFPR.

_____. Contribuições das Licenciaturas em Educação do Campo para as políticas de formação de educadores. **Educ. Soc.**, Campinas, nº 140, jul./set. 2017.

Projeto Gavião. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais/lcbeu>. Acesso em: 30 de abril, 2019.

SANTOS, Sander Luys Reis dos. **Reflexões sobre o ensino de literatura em uma escola pública da Ilha do Marajó, no Estado do Pará**. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Linguagem e Códigos. Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira, Altamira, 2018.

VERDÉRIO, Alex. **A pesquisa em processos formativos de professores do campo: a licenciatura em educação do campo na UNIOESTE (2010 – 2014)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2018.